

## **REFLEXÕES SOBRE O AMOR NAS RELAÇÕES HUMANAS SOB A ÓTICA DE ARTHUR SCHOPENHAUER**

Viviane da Silva Queiroz (IC) – Angela Zamora Cilento De Rezende (Orientador)

**Apoio: PIVIC Mackenzie**

### **RESUMO**

O objetivo do artigo é fazer uma reflexão filosófica sobre o amor nas relações humanas analisando a visão do filósofo Arthur Schopenhauer sobre o tema, a partir de sua visão sobre amor e seus efeitos dentro da sociedade, buscamos compreender quais são as características apresentadas pelo filósofo nas relações que envolvem o amor como tema central. Desta forma, foi apontado a vontade como alicerce principal nas construções de suas ideias, em suas obras como O Mundo como representação e como vontade e As dores do mundo levanta o tema do amor como algo importante para construção da sociedade e por isso dever ser analisado e refletido para entendermos o seu papel nas relações humanas.

**Palavras-chave:** Amor, Schopenhauer, Vontade

### **ABSTRACT**

The purpose of the article is to make a philosophical reflection on love in human relationships by analyzing the philosopher Arthur Schopenhauer's view on the subject, from his view on love and its effects within society, seeking to understand what are the characteristics developed by the philosopher in relationships that involve love as a central theme. In this way, the will was pointed out as the main foundation in the construction of his ideas, in his works such as The World as will and as representation and The pains of the world raise the theme of love as something important for the construction of society and therefore it must be analyzed and reflected in order to understand its role in human relationships.

**Keywords:** Love, Schopenhauer, Willing

## 1. Introdução

A filosofia é um diálogo entre o pensador e seus antecessores na busca pela compreensão do mundo e da vida. Este diálogo se apoia tanto neste legado quanto nas questões presentes que o pensador busca responder. A filosofia, portanto, ao mesmo tempo que ultrapassa as circunstâncias e as demandas históricas pontuais que cada pensador vivencia como um ser histórico, pois é filho de seu tempo, toma o tempo presente como matéria de reflexão.

No entanto, como a própria história da filosofia nos elucidada, há momentos de viragem, de rupturas tão profundas sem que, no entanto, o diálogo deixe de ser estabelecido. Poderíamos citar, por exemplo – a passagem do mito ao pensamento racional, com os pré-socráticos; a passagem da filosofia medieval a moderna, com o racionalismo e empirismo de Descartes e Hume. Com estes, nascem os primeiros arcabouços do método científico.

Schopenhauer é um destes pensadores que demarcam um momento de viragem na história da filosofia, toma a vontade como “a raiz metafísica do mundo e da conduta humana” (MAAR; CACCIOLA, 1985, p. 11), a vontade se torna o caráter inteligível para ver e compreender o mundo. Sua filosofia abre as portas para novas interpretações e categorias de análise na filosofia, na literatura e oferece subsídios para a psicanálise ainda por nascer. Diante desta grandeza, os estudos sobre Schopenhauer na atualidade se mostram em um número muito menor do que deveriam acontecer.

Com a finalidade de fomentarmos novas incursões sobre a filosofia de Schopenhauer, procuraremos, desta forma, à luz das obras *As Dores do Mundo* e de *O Mundo como Vontade e Representação*, apresentarmos ainda que de modo embrionário, nossa pesquisa que tem por objeto central o amor como uma chave de leitura para a compreensão de sua filosofia.

Este tema, à primeira vista, pode parecer um objeto menor, dentre tantos outros que poderiam ser apresentados. No entanto, encontramos um respaldo na fala de Julian Marias:

Preocupa-me uma situação no pensamento de nosso tempo, e se poderia chamar as ‘grandes ausências’. Quero dizer que há certas questões que se evitam sistematicamente, e que costumam ser das mais importantes. Anos atrás surpreendi-me ao notar que em uma excelente e extensa enciclopédia não constava o artigo ‘amor’ (...) Ocorre algo parecido com outros temas capitais: pessoa, vida humana, liberdade, morte (morte pessoal, porque da biológica se faz menção). Isto dá muito o que pensar. Por que se evitam as questões sobre as quais seria mais necessário orientar-se, acerca das quais seria tão urgente saber a que se ater? (MARIAS, 1989, p.9/10)

Diante do cenário contemporâneo tão caótico e fragmentado, em que presenciamos a degradação dos valores de referência, encontramos na filosofia de Schopenhauer uma

preciosa contribuição no que concerne às reflexões que podemos fazer sobre nossa própria existência.

Na leitura do livro *As Dores De Mundo* do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), encontramos o tema Amor – suas reflexões derivam de sua teoria da Vontade e nos intrigam com suas provocações: como amor e felicidade poderiam andar juntos? Amar é sofrer?

[...]. Para que tanto ruído? Para que esses esforços, essas violências, essas ansiedades e essa miséria? Contudo trata-se apenas de uma coisa bem simples, que cada João encontre a sua Joana. Por que é que semelhante bagatela representa um papel tão importante e leva incessantemente a perturbação e a discórdia à vida bem regrada dos homens? – Mas, para o pensador sério, o espírito da verdade desvenda pouco a pouco essa resposta: não se trata de uma ninharia, longe disso, a importância do assunto é igual à seriedade e à violência com que é tratado. (SCHOPENHAUER, 2019, p.51)

Colocando-se como um pensador sério, Schopenhauer pretende refletir sobre a tarefa que todos nós devemos desempenhar em relação à nossa existência. Calcado na compreensão de que todo ser vivente é portador de vontade e que todas as ações são expressões da vontade, torna-se relevante o entendimento sobre as relações humanas, já que o homem não vive sozinho no mundo posto que afeta e é afetado pelos outros. Nesta obra, o pensador alemão discorre, entre outros temas sobre o amor, em uma concepção que se articula com a teoria da Vontade.

Desta forma, nossa pesquisa objetiva apresentar alguns elementos da teoria da Vontade em Schopenhauer e de sua concepção sobre o amor, entendidos como chaves de leitura para a compreensão de sua filosofia. Esta pesquisa será composta por três momentos – a biobibliografia do autor, a teoria da vontade e as principais ideias de sua concepção sobre o amor.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO.

### 2.1. DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS.

Arthur Schopenhauer nasceu em Danzig na Polônia, mas aos nove anos se mudou para Hamburgo na Alemanha com família. Começou seus estudos em 1805 quando ingressou na Faculdade de Comércio de Hamburgo, no mesmo ano do falecimento de seu pai. Com a

herança, desistiu dos negócios e se dedicou aos estudos. Em 1809, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Gottigen, e em 1811 transferiu-se para o Curso de Filosofia na Universidade de Berlim.

As suas ideias são consideradas pessimistas, surgem depois de uma viagem em 1805 para França e Austrália, pois ficou chocado quando presenciou a miséria, a fome e a sujeira nas vilas. Outro fator decisivo para a estruturação de sua filosofia foi ter estudado sobre o budismo e filosofia oriental. Os ensinamentos de Buda elucidam que a vida é sofrimento, sofreremos ainda mais porque nos apegamos, porque desejamos e que uma das melhores maneira de cessá-lo é por meio da resignação. A verdadeira felicidade se dá pela iluminação (nirvana). Do sofrimento material encontrado no mundo ao espiritual, Schopenhauer extrai lições que o levarão ao principal objeto de suas reflexões: a vontade que está presente em todos os seres vivos e é a promotora da infelicidade.

Ao longo da sua vida teve uma vasta produção. Em *O Mundo como Vontade e Representação* (1818), Schopenhauer mantém a tradição kantiana que realiza a separação entre o 'fenômeno' e a 'coisa em si', o mundo, portanto, não é outra coisa senão vontade e representação. O mundo é representado pelo sujeito, pois não atinge a 'coisa em si', enquanto a vontade, algo irracional é a essência do mundo. Em *As Dores do Mundo* (1850) encontraremos reflexões filosóficas sobre os principais temas que afligem o ser humano. Esta obra é composta pelos seguintes capítulos: o amor, a morte, religião, a política, o homem e a sociedade. Além destas obras, podemos destacar: *A Arte De Ter Razão* (1831); *Parerga e Paralipomena* (1851) - obra volumosa composta por seis grandes ensaios, complementa o pensamento do autor; *A Arte De Lidar Com As Mulheres* (1851); *A Sabedoria Da Vida* (1851). Sua filosofia impactou grandes autores como Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. Sua visão sobre a vontade como algo intrínseco aos seres vivos, serviu de base para as discussões posteriores na filosofia nas áreas da axiologia, da epistemologia e da estética, bem como da psicologia, ao elucidá-la como algo imanente e irracional, irradiou irreversíveis reflexões sobre a concepção de homem tecida na história da filosofia do Ocidente.

## 2.2. A TEORIA DA VONTADE.

O final do século XVIII é marcado pelas mudanças provocadas pelo método científico: a descoberta da célula inaugura a concepção de que todos os seres vivos são constituídos por uma unidade básica; a descoberta da lei da conservação e transformação da energia prima pela ideia de que a energia não pode ser nem criada ou destruída, apenas se transforma; a teoria das espécies de Darwin afirma a evolução. Estas descobertas permitiram,

no campo epistemológico, um novo tracejado – o mundo é dinâmico e permeado pelo movimento.

Na filosofia, encontramos em Hegel a oposição à lógica formal para instituir a lógica dialética como método, pois aquela não daria mais conta de explicitar a realidade e a natureza por meio dos silogismos – é preciso representar os seus processos.

Para Hegel, a natureza e o Ser podem ser compreendidos pela marcha do pensamento. Em seu livro *A Fenomenologia Do Espírito* afirma que a verdade não deve ser compreendida como algo dado, fixo e imutável, mas como processo e auto movimento que é realizado pelo sujeito que, enquanto espírito, se autogera provocando uma autodeterminação e superação. Hegel afirma que a verdade não deve ser entendida como uma substância fixa e imutável, mas é uma produção do espírito, de um sujeito que se supera continuamente. Para ele,

Cada momento do real e momento necessário do absoluto, o qual se faz e se realiza justamente em cada um e em todos estes momentos: o real é, portanto, um processo que se autocria enquanto percorre seus momentos sucessivos, e em que o positivo é justamente o próprio movimento como progressivo auto enriquecimento. (REALE, 2005).

Sua obra foi considerada a mais importante na época, apresentando a dialética e a consciência como forma desenvolvimento da humanidade e tratando a produção da verdade como algo mutável, advindo das experiências humanas. Hegel altera a visão do racionalismo kantiano, buscando demonstrar que o conhecimento é alterado conforme a evolução da humanidade. Vaz afirma:

Uma face dialética, porque a sucessão das figuras da experiência não obedece à ordem cronológica dos eventos, mas à necessidade imposta ao discurso de mostrar na sequência das experiências o desdobramento de uma lógica que deve conduzir ao momento fundador da ciência do saber absoluto, como adequação da certeza do sujeito com a verdade do objeto. (VAZ, 2003, p.07).

Por seu turno, Schopenhauer critica a teoria de Hegel pois acreditava que suas ideias eram focadas em ideias estatais e políticas e não na descoberta da verdade. O filósofo não considerava o trabalho Hegel respeitável e suas críticas foram severas ao idealista:

Na Alemanha, Hegel, um charlatão repugnante, estúpido e escrevinhador de disparates sem igual, conseguiu ser aclamado como o maior filósofo de todos os tempos, e milhares de pessoas acreditaram rígida e firmemente nisso por vinte anos, inclusive fora da Alemanha, como a Academia Dinamarquesa, que se declarou contra mim para defender a glória e quis afirmá-lo como *Summus Philosophus*. (SCHOPENHAUER, 2009, p.45).

As ideias de Schopenhauer, necessariamente, criam uma ruptura na história da filosofia. Contudo, ao mesmo tempo, se vale de algumas configurações tecidas pelos seus predecessores e contemporâneos.

Das várias influências que compuseram a tessitura de sua filosofia, a primeira delas advém da filosofia platônica que realiza a distinção entre ‘mundo aparente’ e ‘verdadeiro’. Schopenhauer é inspirado a conceber que o mundo da ‘realidade sensível’, ou seja, o mundo fenomênico é destituído de verdade. O mundo da ‘realidade sensível’, na linguagem schopenhaueriana, é o mundo da representação, conforme explicita Damasceno:

Esta metafísica que se enraíza no Platão dos Diálogos intermediários, em que o ‘ser verdadeiro’ são formas eternas e imutáveis, conduzirá à consideração de que no mundo fenomênico, no mundo como representação, é impossível a liberdade e a felicidade, e ao pessimismo presente em seu pensamento. (DAMASCENO, 2021, p.19).

Destarte, o mundo da ‘realidade sensível’ não pode proporcionar nem o conhecimento verdadeiro, nem a verdadeira felicidade ou liberdade.

A segunda grande influência de Schopenhauer é a filosofia kantiana. Diante das questões relativas à teoria do conhecimento, Kant percebe que nem o empirismo, nem o racionalismo poderiam de fato, em separados, propiciarem o conhecimento. Se, por um lado, há a necessidade da experiência para se fazer ciência, por outro, a produção do conhecimento requer tanto a sensibilidade quanto o entendimento. Estes são considerados como formas a priori e são característicos da cognição do ser humano, inaugurando a filosofia transcendental ou idealismo transcendental explicitado na *Crítica Da Razão Pura*. Em seu livro, ‘Schopenhauer’, afirma Jair Barboza:

Na introdução à *Crítica Da Razão Pura* Kant define o ‘transcendental’ como o conhecimento ocupado ‘não tanto como os objetos, mas como nossos conceitos a priori dos objetos em geral’. É o contrário do ‘empírico’, do que é fornecido pela experiência. O transcendental, em verdade, são formas a priori - categorias e intuições – presentes em nossa mente e sensibilidade, que se aplicam à experiência e possibilitam o mundo como uma série de fenômenos conectados entre si – justamente a natureza. (BARBOZA, 2003, p.12)

Schopenhauer compreende que o idealismo transcendental kantiano abre uma possibilidade de investigação sobre a sensibilidade humana. Para Kant, portanto, há uma distinção entre o ‘mundo dos fenômenos’ e da ‘coisa-em-si’ (*noumenon*). Afirma que não é possível ao homem conhecer cientificamente a ‘coisa-em-si’, mas apenas o que ocorre no mundo ‘fenomênico’ pelas formas a priori da sensibilidade – espaço e tempo – e das categorias do entendimento.

Neste esteio, Schopenhauer entende que o mundo não passa de representações criadas pela articulação entre o mundo subjetivo e objetivo. O conhecimento seria uma síntese entre a consciência humana e a realidade exterior.

O mundo como representação, isto é, unicamente do ponto de vista que o consideramos aqui, tem duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis. Uma é o objeto; suas formas são o espaço e o tempo, donde a pluralidade. A outra metade é o sujeito; não se encontra colocada no tempo e no espaço, porque existe inteira e indivisa em todo ser que percebe: daí resulta que um só desses seres junto ao objeto completa o mundo, como representação, tão perfeitamente quanto todos os milhões de seres semelhantes que existem: mas, também, se esse ser desaparece, o mundo como representação não existe mais. (MAAR; CACCIOLA apud Schopenhauer, 1985, p.10)

Schopenhauer entende que o homem não é apenas mais um objeto entre outros no mundo, mas consegue representá-lo. Assim, o conceito de Representação defendido por Schopenhauer se dá a partir de uma dupla perspectiva: das ideias de Kant extrai as bases do idealismo transcendental, ou seja, que o conhecimento não prescinde do a priori; da filosofia platônica, de que o 'mundo da realidade sensível' é composto por 'fenômenos'. A originalidade de Schopenhauer está no salto que efetua: não se contenta em analisar o mundo dos 'fenômenos', mas procura falar da 'coisa-em-si', que na sua filosofia é a Vontade.

Corroborando estas afirmações, lemos em *O Mundo Como Vontade E Representação* que a forma como vemos o mundo é vinculada às nossas experiências e pensamentos, sendo cada ser tem uma visão única do mundo:

'O mundo é minha representação'. Está é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. E fato o faz. Então nele aparece a clarividência filosófica. Torna-se-lhe claro e certo que não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra. (SCHOPENHAUER, 2005, p.41)

A citação acima demonstra como Schopenhauer entende a representação como forma de identificação do homem com o mundo. Podemos entender que a filosofia platônica e kantiana foram fundamentais para a construção do pensamento de Schopenhauer: a ideia do objeto da experiência e da ciência como representação são inspiradas nas ideias *a priori* e razão intuitiva de Kant. Assim, para Schopenhauer a representação do mundo significa que o mundo é um objeto para o indivíduo. Schopenhauer defende a metafísica como algo inerente à filosofia, pois o 'ser verdadeiro', não pode existir sem os 'fenômenos'.

Desta forma, corroboram-se as influências platônicas e kantianas em sua filosofia. No artigo *A busca schopenhaueriana das identidades fundamentais: a influência platônica*, de Francisco William Mendes Damasceno que reitera:

A filosofia schopenhaueriana, de base platônica e kantiana, que toma por objeto ora o em-si dos fenômenos, ora as condições de possibilidade dos fenômenos, é, como declara o próprio Schopenhauer, teoria metafísica. Para o nosso filósofo, toda filosofia, enquanto se pretende filosofia, não pode ser outra coisa senão metafísica, sua dignidade está justamente em tratar do conhecimento do que 'verdadeiramente é', a realidade essencial do mundo. (DAMASCENO, 2021, p.2)

Explicitadas ideias precedentes à filosofia schopenhaueriana, nos resta investigarmos a teoria da Vontade: se por um lado, o indivíduo não é um mero objeto entre os outros, porque consegue criar representações, é considerado como um ser "ativo cujo comportamento manifesto expressa diretamente sua vontade" (MAAR; CACCIOLA, 1985 p.10); por outro, ele também não é algo diferente de tudo o que é vivo na natureza. A vontade se presentifica nos seres e atravessa toda a natureza: "é seu princípio fundamental" e é completamente independente das representações que os indivíduos podem ou não fazer do mundo, não está submetida a nenhuma lei racional.

A vontade, acima de tudo é um querer, algo "sem nenhuma meta ou finalidade" (MAAR; CACCIOLA, 1985, p.11) Neste sentido, a consciência seria apenas uma parte aparente e superficial da vontade, vontade esta que não pode ser deslindada, que não se conhece e nem se pode controlar, é inconsciente. A vontade como o 'em-si' de todas as coisas se objetiva no corpo: as ações seriam, de fato, as condições de sua exteriorização.

Todo ato verdadeiro de sua vontade é simultânea e inevitavelmente também um movimento de seu corpo. Ele não pode realmente querer o ato sem ao mesmo tempo perceber que este como movimento corporal. O ato da vontade e a ação do corpo não são dois estados diferentes, conhecidos objetivamente e vinculados pelo nexa da causalidade; nem se encontram a relação de causa e efeito; mas são uma única e mesma coisa, apenas dada de duas maneiras totalmente diferentes uma vez imediatamente e outra na intuição do entendimento. A ação do corpo nada mais é senão o ato da vontade objetivado, isto é, que apareceu na intuição. (SCHOPENHAUER, 2005, p.153)

Enquanto 'coisa-em-si', a vontade se objetifica nos corpos dos indivíduos, levando-os à ação. No entanto, a vontade nunca se sacia: a vontade é movimento em direção a um objeto do desejo, porém quando alcançado, imediatamente se dirige a um outro. Para Schopenhauer, a vontade é insaciável. Logo, os seres vivem à mercê da vontade porque ela é um impulso irracional que não se contenta, levando os homens à dor e ao sofrimento.

Se a vontade é a causa das dores e sofrimentos no mundo, como grande estudioso da filosofia oriental, Schopenhauer encontra algumas soluções para estas questões no hinduísmo e na arte.

O hinduísmo é uma filosofia de ordem religiosa considerada uma das mais antigas religiões existentes. Data por volta do ano 3.000 a.C., que tem por fundamento as escrituras



sagradas do Vedas. Constitui um conjunto de crenças, ritos e práticas e postula uma organização social e política. Passa por três grandes momentos – o hinduísmo Védico, seguido pelo Bramânico. Neste momento, Brahma, Vishnu e Shiva passam a ser cultuados. Fala-se também em hinduísmo híbrido, surgido após o cristianismo e islamismo pois sofreu influência destas religiões. Como não é possível explicitar a complexidade desta religião, dado ao espaço destinado para este trabalho, vamos nos ater apenas às ideias centrais.

Em primeiro lugar, o hinduísmo está calcado na ideia de que há sucessivas reencarnações (Samsara) até que a alma esteja verdadeiramente preparada e elevada para se unir ao deus Brahma (Dharma). Este ciclo de reencarnações se repete, oferecendo à alma as oportunidades para alcançar estágios mais evoluídos do que em sua reencarnação anterior, pois o que acontece nesta existência é a consequência dos atos cometidos na vida anterior (Kharma).

Em segundo lugar, o hinduísmo aconselha uma série de práticas espirituais e alimentares como meios de atingir estes estágios (yogas), provocando o desprendimento dos prazeres e dos bens materiais. Em outros termos, é preciso voltar-se para o autoconhecimento, ser altruísta para se viver em harmonia com o próximo. Somente deste modo, o homem pode desprender-se das ilusões - do 'véu de Maia' - ao qual se encontra submetido que o faz sofrer e que o distancia do Dharma. A lei do Karma ensina que nossas ações implicarão em consequências, por isso devemos ter uma consciência boa e honesta para seguirmos em paz.

A fundamentação da filosofia hindu será apropriada por Schopenhauer e reverbera em sua filosofia: o 'véu de Maia' representa a ilusão no qual o homem vive, ou seja, o próprio mundo fenomênico. Em *Schopenhauer e o pensamento oriental entre o hinduísmo e o budismo*, Deyve Redyson explicita:

Segundo as Upanishades, Mâyā é ilusão, pura imaginação, fantasia, isto é, tudo é ilusão, Maia. Para muitos orientalistas, a divindade Mâyā se apresenta de forma confusa e até contraditória, pois carrega consigo as características de criação e ao mesmo tempo ilusão. No hinduísmo o mutável é irreal e o imutável é o real, portanto o transitório é falso e apenas uma miragem fantasiosa. Partindo do caráter transitório do mundo Mâyā se expressa como sua causa e efeito, por isso Mâyā é a causa do mundo, é a mãe do universo graças a seu poder de criar. (REDYSON, 2010. p.5).

O mundo fenomênico em articulação à filosofia hindu no pensamento de Schopenhauer compõem o 'véu de maia': o mundo está vinculado à uma ilusão provocada pela vontade, de modo que a representação não passa de uma quimera pois somente conseguimos enxergar algo que esteja ao nosso alcance. Dessa forma, a fama do seu pessimismo se concretiza pois o caráter insaciável da vontade nos leva a um sofrimento

eterno e quando não estamos sofrendo estamos entediados, transformando a vida humana em um pêndulo de sofrimento e tédio. Para Maars e Cacciola, a melhor forma de superar todo este sofrimento é pela via da contemplação em direção ao bem, o que implica em renunciar aos desejos e ao egoísmo que são as marcas das vontades em um indivíduo. (MAARS; CACCIOLA, p.12)

Schopenhauer explicita que a negação da vontade é algo impossível porque a vontade é vida. Neste sentido, a vontade impele o agir do homem, não sendo possível negá-la porque negaríamos, portanto, a própria vida. Contudo, Schopenhauer acredita que homem pode deixar de ser refém das suas vontades, controlando os seus desejos com a finalidade de não ser mais controlado por eles. O egoísmo é um dos sentimentos mais entrelaçados à vontade, portanto, devemos nos direcionar para o autoconhecimento para distingui-lo dos demais, o que nos ajudaria na busca pela nossa própria liberdade. Também devemos nos sensibilizar com o sofrimento alheio, ou seja, devemos nos colocar no lugar daquele que sofre, o que despertará em nós a compaixão. Esta se coloca como um dos melhores caminhos a seguir, pois desvia a nossa atenção sobre os nossos próprios desejos para ajudarmos o próximo.

Outra forma é o arrependimento que, para Schopenhauer, não se origina da vontade, porque esta não muda, mas sim o pensamento. Destarte, podemos nos arrepender do que fizemos, isso ocorre quando alçamos uma sabedoria da vida e compreendemos as responsabilidades de nossas ações (vontade). Esta possibilidade se efetiva quando percebemos que a nossa consciência é apenas a ponta de um grande iceberg e que não agimos sempre racionalmente, mas somos impelidos à certas ações muito mais pelo desejo e pelas paixões.

Por fim, a arte também se revela como opção: com ela, aprendermos a enxergar o olhar do outro. Em *A Metafísica do Belo* encontraremos uma concepção particular sobre a arte pois que surge como uma negação do querer: a arte tem a capacidade de neutralizar o sofrimento, apaziguando o querer. O belo eleva nossa alma a um 'estado estético' que pode ser, em maior ou em menor medida, contemplado por todos os homens nas maravilhas da natureza. De todas as artes, a música se coloca hierarquicamente sobre todas as outras, enquanto expressão máxima da vontade, justamente porque não trabalha com as imagens, ou seja, não está presa ao mundo dos fenômenos, a música seria uma própria reprodução da vontade mesma.

### 2.3. O AMOR PARA SCHOPENHAUER.

Schopenhauer aborda a metafísica do amor em sua obra *As Dores do Mundo*. Sobre isso, o filósofo descreve o amor como mal necessário, já que a visão romântica

descritas na literatura e poesia não revelam nada sobre este fenômeno. Esta visão romântica denota apenas o lado da representação e pressupõe que encontraremos a verdadeira felicidade. No entanto, o pensador alemão pretende elucidá-lo por meio da Vontade: é ela quem se utiliza dos indivíduos para alcançar seus objetivos – o amor não passa de um grande estratégia para garantir a sobrevivência da espécie.

Dessa forma, não sabemos explicar o porquê amamos certas pessoas, não há neste ímpeto, uma justificativa. A estratégia da Vontade é a de criar estas ilusões, direcionando cada um na direção daquilo que é melhor para a espécie e não para si mesmo. Ora, isto implica que há uma supremacia da Vontade sobre a Razão, no fim das contas. É a vontade que move o mundo:

De fato, não se trata, como nas outras paixões humanas, de uma desgraça ou de uma vantagem individual, mas da existência e da constituição especial da humanidade futura: a vontade individual atinge, nesse caso, o seu maior poder, transforma-se em vontade da espécie. (SCHOPENHAUER, 2019, p.46)

Com isso, temos a tendência de nos sentirmos atraídos por pessoas que sejam completamente diferentes de nós, para que, de algum modo, inconscientemente, possamos compensar algum defeito que, por ventura, tenhamos, quando da procriação. Então, nos apaixonamos perdidamente. Todavia, com tempo, estas ilusões caem por terra e nos deparamos com angústias e sofrimentos a devido esses relacionamentos vivenciados.

É tanto assim o caráter do instinto – proceder em vista de um fim de que, contudo, não tem a ideia – que o homem, levado pela ilusão que o empolga, sente algumas vezes horror pelo fim a que é conduzido, que é a procriação dos seres; desejaria mesmo se opor a ele; é o caso que se dá em quase todas as ligações fora do casamento. Satisfeita a paixão, todo amante experimenta uma decepção estranha; admira-se de que o objeto de tantos desejos apaixonados só lhe proporcione um prazer efêmero, seguido de um rápido desencanto. Esse desejo é, de fato, em comparação com outros desejos que agitam o coração do homem, como a espécie é para o indivíduo, como o infinito é para o finito. Só a espécie, pelo contrário, aproveita da satisfação desse desejo, mas o indivíduo não tem a consciência disso; todos os sacrifícios que se impõem, impellido pelo gênio da espécie, serviram para um fim que não era o seu. Também todo amante, depois de realizada a grande obra da natureza, encontra-se enganado; porque a ilusão que o tornava vítima da espécie desfez-se. (SCHOPENHAUER, 2019, p.51)

O amor, objeto de poemas e canções e de grande parte do acervo cultural da história ocidental, tem sido progressivamente desconsiderado, bem como outros temas ligados à vida cotidiana, revelando uma falta de cuidado do homem contemporâneo com à sua dimensão existencial. Ao priorizar cada vez mais o conhecimento técnico e científico se distancia da filosofia grega que era, antes de tudo, um modo de vida. Encontraremos estes temas essenciais à vida, como por exemplo, nos diálogos platônicos - *O Banquete e Fedro*.

Neste sentido, Schopenhauer reitera a importância de tratar do amor à luz de um ponto de vista filosófico:

Não é, portanto, permitido duvidar da realidade do amor, nem da sua importância. Em vez de causar admiração que um filósofo procure também apoderar-se desse assunto, tema eterno de todos os poetas, deve antes surpreender que uma questão que representa na vida humana um papel tão importante tenha sido, até agora, descurada pelos filósofos, e se encontre diante de nós como uma matéria nova. De todos os filósofos, foi ainda Platão quem mais se ocupou do amor, principalmente no *Banquete* e no *Fedro*. O que ele diz sobre o assunto entra no domínio dos mitos, das fábulas e dos ditos equívocos e, sobretudo, diz respeito ao amor grego. (SCHOPENHAUER, 2019, p. 50)

Ratificamos, para tanto, *O Banquete* que procura compreender a complexidade do amor. Gutman afirma que este diálogo é referência para todas as discussões a respeito do tema no Ocidente:

[...] O banquete é a matriz de todos os discursos sobre o amor no Ocidente. Não poderia ser diferente, quando se concorda que não apenas este diálogo específico, mas todo o conjunto da obra deixada por Platão funciona como marco inaugural da própria filosofia ocidental. (GUTMAN, 2009, p.2).

*O Banquete* é um dos diálogos mais famosos de Platão, escrito por volta de 380 a.C. que tem como tema central o amor. Neste diálogo participam os personagens Pausânias, Fedro, Agatão, Erixímaco, Aristófanes, Sócrates, Diótima de Mantinéia, Alcebiades, Apolodoro e Aristodemo em que cada um por sua vez, discursa sobre o amor. Fedro considera Éros um Deus e, por isso, amar é algo divino e exige de nós um determinado sacrifício, pois amar é se sacrificar pelo ser amado. Pausânias divide o amor em dois deuses: o Éros vulgar e o Éros celeste, sendo que o primeiro é representado pela deusa Afrodite e está limitado aos desejos terrestres, ou seja, ao corpo, enquanto no segundo, o Éros celeste, mais sublime, é o amor da alma, o que é realmente belo, celestial. Reitera que os amantes são capazes de cometer loucuras por amor:

(...) se se aventurasse alguém nos mesmos despropósitos que os amantes no assédio a seus amados, formulando súplicas, deitando-se nas soleiras, prontificando-se a gêneros de escravidão que escravo algum suportaria, seria obstado em tais práticas pelos amigos como pelos inimigos, estes verberando-lhes a bajulação e o servilismo, aqueles dando-lhe conselhos e envergonhando-se dele; mas quando é um amante quem faz tudo isso, a sua simpatia aumenta e o costume consente que o faça sem opróbio. (PLATÃO, 1978, p.51)

Por seu turno, Erixímaco acredita que o amor é uma harmonização cósmica. Desta forma, o amor é algo que não se restringe ao ser humano, mas está presente na própria composição do universo. “esse deus, imenso e assombroso, estende seu domínio sobre tudo.” (PLATÃO, 1978, p.55). Depois, Aristófanes narra o mito do andrógino, explicita que, nos

primórdios os andróginos eram seres completos, inteiros e plenos (com quatro braços, duas cabeças, etc.), porém eram arrogantes e tentaram invadir Olimpo. Em sua ira, Zeus jogou um raio e os partiu em duas metades espalhando-as pelo mundo. Cada metade passou a procurar sua outra parte desesperadamente em busca de sua integração. Agatão elogia a delicadeza do amor que constrói sua morada “no caráter dos deuses e dos homens.” (PLATÃO, 1978, p.65)

Por fim, Sócrates discursa evocando as ideias da sacerdotisa Diotima de Mantinea: Éros é amante da beleza, porque nasce de Afrodite, assim o amor busca a beleza. Porém, para encontrá-lo é preciso realizar a ascese: identificar as belezas através de sete degraus: o primeiro degrau prima pela beleza dos corpos, o segundo, a beleza da alma (o corpo precisa da alma); o terceiro, a beleza das virtudes (justiça, temperança, sabedoria); o quarto degrau, as leis eternas; o quinto, as ideias (e a sua correspondência entre ser belo é ser ético). O sexto degrau seria busca pela beleza em sua plenitude e, por fim, o último que discorre sobre a beleza do conhecimento, porque o verdadeiro amor é busca pelo conhecimento.

Mendonça em *Schopenhauer e o Amor* enfatiza como *O Banquete* discute as facetas do amor através da visão de seus personagens, demonstrando como o bem e o belo estão presentes na obra:

No Banquete, primeiramente, o amor é compreendido como falta, insuficiência e, também, como desejo de conquistar e de conservar o que não se possui (cf.200 a ss). Em seguida, o amor possui relação com o Bem; ele não é outra coisa senão anúncio e a aparência do Bem; traduz-se, assim, como desejo do Bem (205 e). Em terceiro lugar, o amor seria o desejo de vencer a morte, estando relacionando ao instinto de geração, próprio de todos os animais (208 a, b). Por fim Platão distingue tantas formas do amor quantas seriam as formas do belo; **parte de beleza sensível e chega até a beleza da sabedoria, a mais elevada de todas, ou seja, filosofia.** (MENDONÇA, 2011, p.7) (grifos nossos)

Ao referenciar *O Banquete* como uma das obras que mais influenciaram Schopenhauer, Mendonça expõe a importância do tema que deve ser entendido como uma reflexão filosófica, necessária para a compreensão das dimensões existencial e social. A ascese platônica serve de subsídio, de certo modo, à metafísica do amor de Schopenhauer – a beleza física para a mulher, a estrutura física do corpo masculino que denota força e coragem e as de ordem psíquica ou de caráter também são levadas em consideração no âmbito da Vontade. Estas qualidades são, no mundo fenomênico, os artifícios pelos quais a Vontade se impõe, tornando os indivíduos mais ou menos atraentes para a reprodução da espécie que culminará no amor puro, na ética da compaixão proposta por Schopenhauer.

A segunda obra é *Fedro*: um diálogo retórico entre os personagens Fedro e Sócrates que se passa à beira de um rio. Este diálogo se dá a partir do discurso de Lísias que expõe

sobre a relação amorosa entre os amantes que vivem apenas para os seus amados, venerando-os e acabam se esquecendo de outras partes importantes da vida, agindo, muitas vezes, com insensatez:

Os próprios amantes confessam que têm doente o espírito e que já não possuem bom senso; dizem ter consciência da sua insensatez mas que são, a um tempo, incapazes de dominar-se. Como poderão tais homens, se chegarem a refletir com sensatez, considerar como um bem o que desejavam nesse estado de delírio? Se tu quisesses escolher o melhor entre teus apaixonados, só muito poucos terias à tua disposição; se quisesses, porém, escolher entre os outros o que mais te agrada, poderias optar entre muitos. Por isso há muito mais esperança de que, justamente entre esses muitos, se encontre alguém que seja digno de tua amizade. (PLATÃO, 2002, p.5).

Sócrates critica o discurso de Lísias apresentando dois discursos sobre o amor, demonstra as suas intrincadas relações com a alma, tendo em vista que ele está vinculado à justiça, ao belo e à ética. Deve-se, portanto, saber controlar os desejos para alcançar o amor verdadeiro em sua natureza divina. É interessante percebermos a sensibilidade de Schopenhauer para com estas leituras que irão contribuir para a elaboração de suas ideias sobre o tema, posteriormente.

É o primeiro que deve receber os louros da vitória, pois o amor foi enviado ao amante e ao amado, não pela sua utilidade material, mas, ao contrário - e é o que mostraremos -, esse delírio lhes foi inculcado pelos deuses para sua felicidade. Essa prova suscitará o desdém dos maus, mas persuadirá os sábios. Nessas condições, o que desde logo é necessário fazer é indagar qual é a verdade acerca da natureza da alma, observar seus estados e obras, indagar se a sua natureza é divina ou humana. (PLATÃO, 2002, p.14).

Se o amor para Platão está ligado ao Belo, Bem, Justo e Verdadeiro, só pode efetivar-se plenamente pela via do conhecimento, sob o risco de provocar o infortúnio e desgraça para aqueles que não perfazem esta ascense. Gabriela Rocha Rodrigues em *O Conceito De Amor No Banquete E No Fedro, De Platão* corrobora estas afirmações:

N' *O Banquete*, Platão apresenta o tema do amor a partir de peças oratórias que atribui a vários homens ilustres da sociedade ateniense. Os diversos vieses do sentimento amoroso, bem como suas exigências e demais peculiaridades, se perfilam em uma narrativa dinâmica, na qual a reflexão filosófica alia-se a cuidados de natureza literária incontestável. No *Fedro*, o amor é explorado através dos discursos de Lísias e Sócrates, sendo discutido o aspecto paradoxal do Eros, que tanto pode oferecer bem-aventuranças aos amantes, quanto pode desgraçá-los. O diálogo também expõe o uso da linguagem aliada à verdade e a sabedoria como uma das formas de amor. (RODRIGUES, 2014, p. 2)

Embora a obra platônica seja um fator de grande influência para Schopenhauer, o que implica em uma chave-de-leitura, o pensador alemão difere qualitativamente das ideias do fundador da Academia. De Platão, extrai os riscos daquele que se apaixonou: a insensatez, as

loucuras cometidas, a falta de decoro, a servidão voluntária, os excessos etc., que serão associados às suas próprias observações e à sua teoria da Vontade.

Neste esteio, podemos afirmar que ambos – Platão e Schopenhauer, validam a importância da filosofia como um modo de vida. Nos convidam a levarmos em consideração a necessidade de tratarmos dos temas pertinentes ao cotidiano como uma tarefa para salvaguardarmos a nossa existência.

Em segundo lugar: diferentemente de Platão e de toda a tradição metafísica, Schopenhauer inverte a direção desta trajetória: o caráter inteligível do mundo é a vontade, algo que não é da ordem do racional e se encontra presente em todos os seres, de modo que a vontade os impele à uma busca frenética pela vida e o homem, enquanto portador da vontade, é arrastado, no caso, ao amor.

Júlia Holanda em *A Metafísica Do Amor* certifica sobre a importância desta temática para o pensador. Em seguida, discute sobre as relações intrínsecas entre amor e o conceito de vontade, bem como das novas configurações estabelecidas na sua filosofia entre razão e vontade:

O conceito de vontade é dotado de uma novidade absolutamente inovadora, rompendo-se o liame e invertendo-se os polos de valoração tradicional entre vontade e racionalidade. Razão e intelecto são pensados por ele como instrumentos a serviço da vontade seja ela de morrer, de viver, e especificamente neste caso a vontade de amar. Trata-se de uma vontade potência, sendo esta mesma vontade, definida como impulso presente em todos os seres da natureza, e no homem, ímpeto cego, instintivo e irresistível. (HOLANDA, 2006, p.3)

É este ímpeto – a Vontade - advém da natureza (*physis*) se presentifica em todos os entes, irradia a vontade de viver. Porém, como vimos, é irracional e instintiva. Schopenhauer se baliza na vida real para refletir sobre o amor e embora tenhamos uma produção literária, em prosa e em verso, que tece elogios sem medida sobre o amor não devemos nos iludir. Schopenhauer nos alerta que a finalidade última do amor: a procriação. Mesmo que não possamos racionalizar os motivos que nos levam a amar ou não alguém e mesmo que tentemos justificar as virtudes do ser amado para nós mesmos e para os outros, o que nos impele para o ser amado é que ele detém determinados os atributos que, inconscientemente, buscamos para a geração dos filhos. Vejamos suas palavras em *As Dores do Mundo*:

O amor, assunto até agora reservado aos romancistas e aos poetas – Insuficiências dos filósofos que têm tratado do assunto – Deve-se estudar o **amor na vida real** – O seu papel, a sua importância, o interesse universal que ele inspira – Todo o amor vulgar ou **etéreo tem origem no instinto sexual** – **O seu fim é a procriação de uma determinada criança**: fixa desse modo a geração futura – A natureza do instinto é proceder no interesse da espécie em detrimento do indivíduo – O instinto oferece ao ser egoísta uma ilusão falaz para chegar aos seus fins – Ele guia, no amor, a escolha do

homem e da mulher para as qualidades físicas e morais mais aptas para assegurarem a reprodução, a conservação, a superioridade do tipo integral da espécie humana, sem consideração alguma pela felicidade das pessoas – Deste conflito entre o gênio da espécie e os gênios protetores dos indivíduos nascem **o sublime e o patético do amor – Resultado trágico** do amor infeliz, decepções do amor satisfeito – Os amantes são traidores que, perpetuando a vida, perpetuam a dor – Dafnis e Cloé, diálogo – Seriedade da volúpia. (SCHOPENHAUER, 2019, p 43) (grifos nossos)

Podemos, portanto, depreender duas outras advertências – se o que interessa à natureza é a propagação da espécie que tem no amor o vínculo de união entre dois seres necessariamente diferentes, somos, prioritariamente, iludidos, ludibriados pela vontade: fomos criados para encontrarmos pares compatíveis. Assim, poderemos gerar filhos que carreguem nossas características para que estes possam retransmiti-las, posteriormente. Isto, não significa que, ao escolhermos nosso parceiro, sejamos felizes – assunto que trataremos a seguir. Em outras palavras: o ser amado é aquele que, inconscientemente selecionamos, como aquele que seria o mais capacitado à reprodução. Um ser capaz de gerar crianças saudáveis, dotado de força e de outras qualidades tais que garantisse a sobrevivência e a proteção da prole:

Quando o instinto dos sexos se manifesta na consciência de cada indivíduo de uma maneira vaga, geral e sem determinação precisa, é a vontade de viver absoluta, fora de todo o fenômeno, que surge. Quando num ser consciente o instinto do amor se especializa num determinado indivíduo, é essa mesma vontade que aspira a viver num ente novo e distinto, exatamente determinado. E, neste caso, o instinto do amor todo subjetivo dá ilusão à consciência, e sabe muito bem cobrir-se com a máscara de uma admiração objetiva, porque a natureza carece deste estratagema para atingir os seus fins (SCHOPENHAUER, 2019, p.17)

Como apontamos acima, o amor não está necessariamente ligado à felicidade – pois é a vontade quem conduz os seres e impera na natureza. Ela se sobrepõe à vontade do indivíduo, de modo que ele é arrastado por suas paixões e afecções, sem qualquer crivo racional gerando relações ilusórias e desilusões:

Mas não é só a paixão que tem por vezes um desenlace trágico: o amor satisfeito também conduz mais frequentemente à infelicidade do que à felicidade, porque as exigências do amor, em conflito com o bem-estar pessoal do amante, são de tal modo incompatíveis com as outras circunstâncias da sua vida e os seus planos de futuro que minam todo o edifício dos seus projetos, das suas esperanças e dos seus sonhos. (SCHOPENHAUER, 2019, p.26)

O amor é vivenciado por todos os homens, movidos pela vontade, o que inevitavelmente, os leva ao sofrimento, sendo ou não correspondido. É exatamente por isso que este tema está presente em *As Dores do Mundo*.



É uma dor ontológica, porque também é metafísica: a vontade de vida que habita em nós, nos faz lamentar quando rompemos um relacionamento ou não somos correspondidos em nossos sentimentos. Diferentemente da literatura e do amor romântico, muitas vezes idealizados, Schopenhauer nos leva a enxergarmos um pouco mais além. Sofremos quando amamos, porque ao sermos ludibriados pela natureza, criamos expectativas de felicidade que, na realidade, geralmente, não são correspondidas. Isto não significa, entretanto, que não seja possível.

O amor forte só pode existir na perfeita conformidade de dois entes... E como não existem dois indivíduos absolutamente semelhantes, todo homem deve encontrar numa determinada mulher as qualidades que correspondam melhor às suas próprias qualidades, sempre do ponto de vista das crianças que hão de nascer. Quanto mais **raro é esse encontro, mais raro é também o amor verdadeiramente apaixonado. É precisamente porque cada um de nós tem em si esse grande amor que compreendemos a descrição que o gênio dos poetas nos faz desse sentimento.** (SCHOPENHAUER, 2019 p.55) (grifos nossos)

No que tange ao amor, poucos são os verdadeiramente felizes porque o encontro deste tipo é algo raro. Além disso, há formas de amar que são distorcidas, como as que envolvem o sentimento de posse:

[...] E, nesse caso, o instinto do amor todo subjetivo dá ilusão à consciência, e sabe muito bem cobrir-se com a máscara de uma admiração objetiva, porque a natureza carece desse estratagema para atingir os seus fins. Por muito desinteressada e ideal que possa parecer a admiração por uma pessoa amada, o alvo final é na realidade a criação de um novo ser, determinado na sua natureza: prova-o o fato de o amor não se contentar com um sentimento recíproco, mas exigir a posse, o essencial, isto é, o gozo físico. A certeza de ser amado não poderia consolar a privação daquela de que se ama; e, em semelhante caso, mais de um amante tem dado um tiro nos miolos. (SCHOPENHAUER, 2019, p. 53)

A natureza instintiva do amor, as ilusões de felicidade reiteradas pela literatura, o descompasso provocado pelo ciúme nas relações, adverte Schopenhauer, podem acarretar finais trágicos. O amor, na verdade, deveria ser desinteressado e sublime, deveria ultrapassar os 'jogos' da mãe natureza cuja finalidade é a reprodução, por meio da compaixão e do altruísmo. É por meio do desenvolvimento desta temática que vislumbramos a influência do hinduísmo em sua filosofia - a vontade que é irracional e desejante deve ser anulada - devemos amar desinteressadamente. Em *Amor Sexual E Amor Compassivo Em Schopenhauer*, Silva atesta que a compaixão, é o melhor modo de combater o egoísmo. Todavia há uma grande dificuldade do homem em abdicar do seu amor-próprio em favor do outro pois, para tanto, deve reconhecer-se nele.

Caso contrário, novamente o sofrimento torna-se inevitável, o que atesta a miséria humana:

[...] Isso porque, diz Schopenhauer, o amor só o é real e rigorosamente enquanto compaixão, isto é, amor ao outro. Amar ao outro significa desinteressadamente a negação do egoísmo, em favor do bem-estar do outro e, portanto, dirige-se na contramão do pretense amor-próprio, da vaidade humana, dos caprichos da vontade individual. Quem ama rigorosamente coloca-se em xeque, sente-se no outro como se fosse ele mesmo, mas não enquanto indivíduo isolado e distinto, senão como um “eu mais uma vez”, por meio de um reconhecimento simpático e místico da condição essencial da vida humana, animal e mineral, o sofrimento. (SILVA, 2018, p. 3).

O amor real é o que advém da compaixão, daquele que se compadece do sofrimento alheio, porque nele se dissolve a separação ‘eu’ e o ‘outro’, pois o outro é a condição de possibilidade para que o ‘eu’ possa se encontrar mais uma vez consigo mesmo. O outro se torna um espelho, pois o outro é um sofredor tanto quanto ele. Na compaixão há o reconhecimento da condição miserável de todos os entes enquanto sofredores o que leva o homem à consolação:

A mais eficaz consolação em toda a desgraça, em todo o sofrimento, é voltar os olhos para aqueles que são ainda mais desgraçados do que nós: este remédio encontra-se ao alcance de todos. (SCHOPENHAUER, 2019, p.7)

Schopenhauer promove a passagem do amor entendido como Éros para o amor Ágape que se torna possível por meio da compaixão, da resignação e do desinteresse. O amor entendido como Ágape é uma virtude ética, um exercício diário que devemos promover em nossa vida pessoal, porque para além do amor como Éros, submetido à Vontade, é possível doarmos sentido à nossa existência de modo genuíno e verdadeiro.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao pesquisarmos sobre o amor em Schopenhauer nos deparamos, de imediato, com a complexidade de sua filosofia. A temática em questão nos serviu como um recorte pertinente, o que nos permitiu, dentro de nossas possibilidades, conhecermos os conceitos fundantes de sua teoria.

Nosso interesse nesta temática se justifica: diante de um cenário contemporâneo tão caótico e fragmentado, onde valores de referência são diariamente aviltados, torna-se vital resgatar os temas do cotidiano, pois podem contribuir para os processos de subjetivação.

Schopenhauer, um filósofo alemão com ideias consideradas pessimistas, toma o sofrimento como algo inerente a tudo aquilo que existe. Em suas viagens constatou as dores

do mundo e foi influenciado por grandes pensadores como Platão e Kant que se refletiram em seus escritos que tratam sobre as principais questões que assolam a humanidade.

Procuramos nesta pesquisa encontrar os subsídios teóricos no diálogo estabelecido entre Schopenhauer e seus antecessores. No espaço destinado a este trabalho, buscamos criar algumas aproximações entre Kant e Schopenhauer. Devido à grande influência da estética transcendental encontrada na *Crítica a Razão Pura* com a distinção entre *coisa-em-si* e o mundo fenomênico, Schopenhauer encontra as bases para tecer *O Mundo Como Vontade E Representação*.

A Representação, como vimos, só pode se dar mediante a existência de um sujeito pensante que percebe o mundo e o representa de acordo com suas abstrações e conhecimento. Esta relação entre o sujeito e o objeto (o mundo) é inseparável, mas o objeto não se dá a conhecer em sua 'essência'. É o sujeito quem cria representações a partir de suas percepções, o que implica na ideia de que uma certa representação de mundo deixa de existir quando o sujeito que a criou não existe mais. O mundo fenomênico está sob o domínio da Vontade: os homens agem sem crivo e sem a primazia da racionalidade como postulava a tradição filosófica anterior; sentem e são impulsionados de modo a satisfazerem sua Vontade de Vida, o que lhes provoca dor e sofrimento, acentuando a miséria humana.

Outra grande influência para a tessitura da filosofia schopenhaueriana é a filosofia hindu que nos auxilia na compreensão de suas ideias sobre o amor nos oferecendo uma chave-de-leitura. O amor se encontra em estreita relação com a teoria da vontade que cria em nós ilusões de caráter egoísta, um verdadeiro 'véu de maia', que nos impulsiona a buscarmos de modo inconsciente parceiros adequados para reprodução da espécie. A vontade não se interessa pela felicidade do indivíduo, procura antes perpetuar a espécie, o que provoca com o tempo frustrações e sofrimento. Da filosofia hindu, o pensador extrai os elementos necessários para que a existência tenha sentido.

Propõe uma visão menos egoísta do mundo ao valorar o amor Ágape, Schopenhauer nos convida à compaixão e a olharmos para o outro com desinteresse genuíno. Este desinteresse, também é elemento fundamental para a apreciação das obras artísticas.

Ainda há muito o que percorrer: a filosofia de Schopenhauer é extremamente complexa e requer de nós um aprendizado temporal. No entanto, esperamos contribuir com este trabalho para introduzirmos nosso leitor às ideias do pensador alemão, para despertar o seu interesse e de promover novas pesquisas. Em um mundo que prima pela ciência e técnica, que produz notícias em tempo real, que nos assombra e, por vezes, nos assusta, ficamos imersos e presos ao mundo do trabalho, às informações e às mídias sociais. Buscamos o

status social e o sucesso, mas deixamos de assumir a responsabilidade sobre nossa existência como adverte o pensador.

O cenário contemporâneo nos desvia das reflexões essenciais sobre a nossa existência e nos desobriga de portarmos valores ligados à ética, como o altruísmo. Valor indispensável para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária. Por estas e outras questões, é imperativo resgatarmos as discussões propostas por Schopenhauer para desvelarmos os 'véus de Maia' que insistem em cobrir nossa visão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOZA, Jair. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003

DAMASCENO, Francisco William Mendes. *A busca schopenhaueriana das identidades fundamentais: a influência platônica*. In **Revista Internacional de Filosofia**. Volume 12, Santa maria, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/61899/html> acesso: Out\2022.

GUTMAN, Guilherme. *Amor celeste e amor terrestre: o encontro de Alcibíades Sócrates em O banquete, de Platão*. In **Revista Latino-americana de Psicopatologia**. Volume 12, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/yrFv4KSJBYt9qWX8jfmDpvy/?lang=pt&format=html> acesso mar\2022.

HOLANDA, Júlia. *A metafísica do Amor*. **Revista Filosofia Capital**. Brasília, Vol 1. 1º Edição.2006. Disponível em: <http://filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/1> acesso mar\2022

MAARS, Wolfgang Leo; CACCIOLA, Maria Lúcia M e Oliveira. **Schopenhauer**. São Paulo: Ed. Abril, 1985. Coleção Os Pensadores.

MENDONÇA, Adriana Arruda de. **Schopenhauer e Amor**. Trabalho de conclusão de curso. UEPB, Campo grande, 2011. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1918/1/PDF%20-%20Adriana%20Arruda%20de%20Mendon%ca7a.pdf> acesso julho\2023

NEVES, Roberto. F. *Schopenhauer em signos: maquinismo e o livre-arbítrio do amor*. In **Revista Internacional De Filosofia**. Volume 11, Ed. 3º Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/56907>, acesso em mar\2022

PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo: Cultrix, 1978.

\_\_\_\_\_. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2002

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Editora PAULUS, 2005

REDYSON, Deyve. *Schopenhauer E O Pensamento Oriental Entre O Hinduísmo E O Budismo*. In **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB (Religare)**. Volume 7, N.1 Paraíba, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/9762/5342>

Acesso em: Out\2022

REDYSON, Deyve. **O Dossiê Schopenhauer**. São Paulo: Editora Universo do Livros, 2009

RODRIGUES, Rocha Rodrigues. *O Conceito de Amor no Banquete e no Fedro, de Platão*. In **Revista Linguagem Educação e Memória**. Volume 6, Ed. 6ºRio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/3470> acesso em julho\2022

SCHOPENHAUER, Arthur. **As Dores do Mundo**. São Paulo: Editora Edipro, 2019

\_\_\_\_\_. **O Mundo como Vontade e Representação**. São Paulo: Editora: Unesp, 2015.

\_\_\_\_\_. **Metafísica do Belo**. São Paulo: UNESP, 2003.

SILVA, Luan Correa da. *Amor sexual e amor compassivo em Schopenhauer*, In **Revista de Filosofia**, Volume 15 Ed. 1, **Fortaleza**, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6983229>, acesso mar\2022.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Senhor e Escravo: Uma parábola da filosofia ocidental**. Disponível em: <file:///C:/Users/angel/Downloads/santanna,+Artigo0001.PDF.pdf>

**Contatos:** sq.vivi@hotmail.com e angela.rezende@mackenzie.br